



ENTREVISTA

“SOU PROFESSORA E AMO DEMAIS A MINHA PROFISSÃO” ENTREVISTA COM TÂNIA ELIAS MAGNO DA SILVA¹

Entrevistador: Thiago Ingrassia Pereira²

CABECS: *Por favor, nos conte sobre sua trajetória formativa e profissional: a entrada na área de Ciências Sociais, o interesse pelas questões da Educação e as experiências docentes e de pesquisa ao longo de tua carreira.*

Tânia Elias Magno da Silva: Sou professora Normalista, e iniciei minha vida profissional como professora formada em 1965, na cidade de Alfenas, Minas Gerais. Lecionei inicialmente para o primeiro ano primário (era essa a designação na época) o que me foi muito prazeroso, pois adoro criança e a tarefa de alfabetizar é muito instigadora e gratificante. Em 1966 passei a lecionar também para o curso ginásial e o curso técnico de administração, lecionava Português, fiz um curso ministrado pela Capes na época para me qualificar e como sempre gostei desta matéria, tanto da parte das regras gramaticais com da parte de literatura, não foi muito difícil. Contudo, por pressão da direção da escola fiz o vestibular no ano seguinte para curso de Pedagogia na Faculdade de Filosofia de Guaxupé, em Minas Gerais. Mudei-me para Guaxupé e cursei 02 anos do curso, mas não era exatamente o que queria e desisti. Então voltei para Alfenas e fui trabalhar como Educadora Sanitária em um Posto de Puericultura inaugurado em 1968, chamado Robert Kennedy, que nem

¹ Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo/USP (1973/1976), Mestre (1987) e Doutora (1998) em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal de Sergipe. Secretária Executiva da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais - ABECS - 2012, Vice-presidenta da ABECS 2013-2014, Presidenta da ABECS 2014-2016. Entrevista realizada em fevereiro de 2018.

² Bacharel (2006) e Licenciado (2005) em Ciências Sociais, Mestre (2007) e Doutor (2014) em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós-Doutor (2018) em Educação na Universidade de Lisboa, Portugal. Professor da área de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PPGPE) e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade Federal da Fronteira Sul *Campus* Erechim, RS. Presidente da ABECS 2016-2018.

sei se ainda existe. Para isto fiz estágio em São Paulo na área, no Hospital Infantil Cruzada Pró-Infância e também em um Posto Médico junto a especialistas.

Em 1968, trabalhando como educadora sanitária, resolvi fazer novo vestibular, desta vez para Ciências Sociais, era o curso que queria, pois poderia estudar Sociologia, Antropologia e Ciência Política. Pense que estávamos em plena ditadura militar e diante do AI5. Em São Paulo, quando fazia meu estágio no hospital, presenciei vários atos políticos e a imediata repressão e isso me animava a ir de encontro ao *status quo*, mas eu precisava entender mais a sociedade. Estava em São Paulo quando houve a invasão da faculdade de Filosofia da Rua Maria Antônia, de onde morava ouvia os tiros e tudo mais, era um cenário de guerra.

Fui estudar na jovem Faculdade de Filosofia da cidade de Machado, também no sul de Minas. Fui redatora do jornal do curso e, apesar das deficiências de professores, tive um bom começo. Estudei Teoria do Estado, que me serviu muito para Ciência Política. No final de 1969, nos mudamos para São Paulo, capital, e me transferi para a Faculdade Sedes Sapiense, que na época ainda não integrada a PUC/SP.

Obviamente a mudança foi muito produtiva tanto em termos de curso como politicamente. Por motivos econômicos, havia me casado com um colega de curso e não tínhamos como pagar mais a faculdade. Em 1970 prestei vestibular para Ciências Sociais na USP, aprovada dei continuidade ao curso. Na época o Bacharelado e a Licenciatura poderiam ser cursados simultaneamente. Eu optei inicialmente em concluir o Bacharelado, pois sempre quis ser Socióloga. Mas precisava trabalhar e consegui ser aprovada numa seleção para estagiários de Ciências Sociais na Secretaria de Ação Social da Prefeitura de São Paulo, onde permaneci por dois anos e meio. Meu marido que conheci no Sedes Sapiense, era meu colega de curso, havia se transferido para a Escola de Sociologia e Política de São Paulo, foram anos difíceis, mas muito proveitosos do ponto de vista político e intelectual.

Em 1973 conclui meu Bacharelado e em 1976 minha Licenciatura, mas já lecionava desde 1970 como Professora contratada tanto na rede privada como pública. Lecionei Estudos de Problemas Brasileiros (EPB), Geografia Humana e História, Educação Moral e Cívica (EMC), tanto no ginásio como no colegial. E, é claro, em EPB e até EMC, nas aulas os conteúdos eram de Sociologia, de Política, Antropologia, etc, introduzíamos realmente a discussão dos problemas brasileiros entre eles o da ditadura. Assim, boicotávamos o sistema por dentro, dando capacidade de crítica aos alunos. Mesmo ainda estudante participei das atividades da Associação dos Sociólogos de São Paulo e depois do Sindicato. Estive na batalha pelo reconhecimento e regulamentação de

nossa profissão, desde o início de 1970. Foram anos muito intensos e proveitosos. Um dia escrevo sobre tudo que vi e vivi.

A escolha do curso foi uma decisão política e intelectual e nunca me arrependi. O magistério já fazia parte de minha formação e escolha. Assim, sou Socióloga e Professora e isto é muito bom. Tenho atuado como Socióloga e como Professora e uma atividade auxilia muito a outra. Em 1979 fiz concurso para a Universidade Federal de Sergipe e passei a integrar o Departamento de Psicologia e Sociologia. O curso de Ciências Sociais só é criado bem depois, assim como o Departamento de Ciências Sociais. Esta é uma história interessante, a luta para criar o curso, que tem início em 1991.

CABECS: *Fale-nos sobre sua militância na defesa da profissão de sociólogo(a) e da docência em sociologia na educação básica. Como avalia o atual estágio de reconhecimento da área profissional das ciências sociais no Brasil?*

Tânia Elias Magno da Silva: Bom, como já disse, estive sempre empenhada na luta pelo reconhecimento e regularização de nossa profissão e ela não se refere apenas ao Bacharel, mas, também ao Licenciado, pois lutar pela regularização da profissão era lutar pela volta do ensino de Sociologia nos cursos de nível médio, afinal este é também nosso campo de trabalho. Imagine que quando ainda estudante nós falávamos que íamos colar grau no DOPS, tal era a restrição para nós e a vigilância e perseguição política na época. Mas nossa profissão em 1980 é reconhecida e regulamentada em 1983, ainda em pleno regime militar!

Nunca lecionei Sociologia na educação básica, pois a disciplina não fazia parte dos currículos escolares, mas a defesa da volta dessa disciplina aos currículos foi uma luta longa e intensa e com muitas idas e vindas e estive participando dela direta e indiretamente desde 1970. No final de 1989 iniciou-se um movimento mais acirrado em termos do retorno da Sociologia ao Ensino Fundamental e Médio. Mas quem realmente levou esta luta adiante com muito empenho foi a Federação Nacional dos Sociólogos do Brasil – FNSB e justo é destacar o nome de seu ex-presidente o professor Lejeune Xavier, na época conhecido como Mato Grosso (seu estado de origem), que travou uma luta incessante pela causa, claro com a adesão de vários outros companheiros.

No final dos anos de 1990, em um Congresso em Curitiba, este movimento cresceu muito e ganhou mais força. Em 1990 é criado na Universidade Federal de Sergipe o primeiro curso de Ciências Sociais de Sergipe, aliás, o único no Estado até o presente e em 1991 ele começa a funcionar. O curso nasce pautado na Lei 6.888, de 10 de dezembro de 1980, a Portaria Ministerial n. 3230 de 15 de dezembro de 1983 e o Decreto presidencial n. 89.531, de 05 de abril de 1984,

que regulamentou a profissão. Oferecendo conjuntamente as duas habilitações: Bacharelado e Licenciatura, o aluno ingressava e podia cursar as duas modalidades. Em 1997 o curso foi reconhecido pelo Ministério de Educação.

Neste mesmo ano a luta e mobilização pela volta de Sociologia ao ensino médio em todas as escolas do país se intensifica com a apresentação do Projeto de Lei 3.178-B de autoria do Deputado Federal Padre Roque do PT-PR, no entanto, depois de longa tramitação no Congresso Federal, o mesmo sofre o veto do então presidente da República, o Sociólogo Fernando Henrique Cardoso, como a esfarrapada desculpa de que a matéria já estava contemplada pelo artigo 36 da LDB, parágrafo 1, item III, que prevê que “os egressos do ensino médio deve demonstrar “domínio dos conhecimentos de Filosofia e Sociologia necessários para o exercício da cidadania”.

Assim a luta e a mobilização continuam em várias frentes por todo o país, sempre capitaneadas pela FNSB, da qual fazia parte da direção. No entanto, embora esta frente de luta tenha mobilizado muitos professores e ganhado depois de um tempo a adesão e apoio de entidades representativas de Sociologia, como a Sociedade Brasileira de Sociologia – SBS, a Associação Brasileira de Antropologia – ABA, nunca se deixou de lutar pelo mercado de trabalho para os Sociólogos, buscando ampliar e fazer reconhecer seus campos de atuação específicos. Importante destacar que para isso é necessário que a categoria esteja organizada em sindicatos e associações profissionais e não dispersa. Para isso é importante não confundir a atuação da FNSB com a de entidades de cunho científico como a SBS, por exemplo.

Como está este mercado hoje em dia? Eis um campo que precisa ser mapeado e estudado. Cabe também aos cursos de formação ter essa preocupação para preparar seus egressos para este mercado que se modifica rapidamente, exigindo novas qualificações. Pergunto quais cursos tem tido essa preocupação? Existem alguns estudos, mas são poucos. Outra questão é divulgar ao grande público e estudantes a importância desse profissional. Onde atua e pode atuar. Todos os cursos devem ter isso como prioritário. Outro ponto é buscar abrir campos de estágio para os alunos de Ciências Sociais e estou me referindo aos futuros bacharéis. A nossa profissão ainda é desconhecida da população e, não raro, ainda confundida com Serviço Social por muitas pessoas. É preciso investir nesse esclarecimento, é preciso visitar as escolas, fazer palestras, fazer encontros com essa finalidade. Eu estou falando de fazer propaganda mesmo. Não podemos nos fechar na redoma das universidades e institutos de pesquisa, não podemos limitar nossa formação para o magistério superior.

Veja que não estou me referindo aos Licenciados apenas, estes têm sua profissão de Professor bem definida, embora o campo de trabalho tenha agora sofrido um golpe, mas cabe também a

categoria se manter forte e unida em suas entidades representativas e se mobilizar, este é sem sombras de dúvida o papel da ABECS, defender o ensino de Sociologia no Ensino Médio e lutar não apenas para que este seja ministrado por pessoas devidamente habilitadas, ou seja, Licenciadas na área, como pelo aumento da carga horária e pela qualidade do ensino.

CABECS: *O que pode nos falar sobre seu engajamento na proposta da ABECS? Quais os principais desafios da entidade?*

Tânia Elias Magno da Silva: A formação de uma entidade que pudesse congrega os Docentes de Sociologia, tanto do Ensino Médio como universitários em pé de igualdade, sem fazer a distinção se este é Doutor ou não, e que não fosse confundida ou atuasse como um sindicato, foi uma longa discussão, mas era um desejo de muitos colegas que atuaram na luta pelo reingresso da disciplina Sociologia nos currículos escolares do Ensino Médio em todo o país.

Portanto, meu engajamento esteve presente desde as primeiras discussões. Sou contra o elitismo acadêmico, a ciência tem que ser democratizada e alijando os não Doutores ou Mestres dos encontros e tendo estes poucos fóruns de discussão e debate de suas práticas e experiências, estamos indo de encontro a este princípio. Os alunos que cursam a Licenciatura apenas se queixam que se sentem como se fossem “menos importantes que os futuros Bacharéis”, e veja que esta é uma queixa generalizada.

Um passo muito importante para que a ABECS se concretizasse foi a criação de um GT específico, nos Congressos da SBS, sobre Ensino de Sociologia proposto e coordenado inicialmente pelo prof. Dr. Amaury Moraes da USP. Mas faltava uma entidade que abrisse espaço para debates e diálogos com os Professores do Ensino Médio e Fundamental sem exigir Mestrado e/ou Doutorado, mas que as experiências da sala de aula pudessem ser ouvidas e explanadas e se criasse um espaço de criatividade e conhecimento da realidade das escolas e da forma como a disciplina vem sendo ministrada.

Uma entidade que se voltasse para este público, sem obviamente impedir que Pesquisadores e Docentes das universidades também fizessem parte e trouxessem a sua contribuição, afinal é no espaço universitário que se formam os docentes, portanto a troca de experiência e o diálogo são imprescindíveis entre os docentes. Assim, creio, nasceu a idéia da ABECS. Na verdade, iniciou-se uma discussão e contato via *e-mails* até chegar à concretização de que iríamos criar a entidade. O nome ABECS também foi fruto de intensa troca de ideias e debates. A princípio a proposta era fechar na disciplina Sociologia, mas com o amadurecimento das discussões ganhou a proposta de

ampliar para Ciências Sociais, até porque muito são Licenciados em Ciências Sociais e o conteúdo da disciplina envolve conhecimento de Antropologia e de Ciência Política. Creio que foi uma decisão sábia.

CABECS: *O que poderia ser dito para estudantes de Licenciatura em Ciências Sociais na atualidade? Vale a pena ser Professor(a)?*

Tânia Elias Magno da Silva: Eu sou suspeita para falar sobre essa questão, pois sou Professora e amo demais a minha profissão. Veja, eu fiz o antigo Curso Normal, portanto me formei Professora e estou no magistério há praticamente 50 anos. Iniciei como professora alfabetizadora (adorava!) e depois lecionei em praticamente todas as séries. Do fundamental ao nível médio, inclusive em cursos Técnicos.

A minha ida ao Ensino Superior só ocorreu em 1979. Sou Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais e, quando me formei no início da década de 1970, a Sociologia apenas era ministrada nos cursos de formação de Professores e em alguns cursos superiores, como Pedagogia, Direito e Serviço Social.

A carreira docente em nível de Ensino Fundamental e Médio é hoje, de modo geral, muito precária em termos salariais e de infraestrutura das escolas. Claro que isto varia de estado para estado, mas a regra geral é lamentável, contudo, ninguém se forma sem passar pela escola e aprender o que é preciso. A escola é um espaço para formar o pensamento crítico e municiar os alunos de condições de autonomia de pensamento. A sociologia proporciona isto.

Portanto, o Professor é um agente de mudança social. Eu digo que deste ponto de vista é a melhor profissão do mundo. Pense na satisfação de ver seus alunos melhorarem seu nível de compreensão da realidade e poderem ganhar espaço na sociedade. Se formarem e serem bons e atuantes profissionais. Eu tenho vários colegas na UFS que foram meus alunos e este é o meu maior orgulho. Assim como encontro ex-alunos que são docentes e excelentes docentes de nível médio, ou estão em outras profissões e conseguiram romper a barreira invisível que existe e impede ou dificulta muito a ascensão de uma grande parcela da população. Se isto não vale a pena, o que vale a pena?

CABECS: *A partir de sua experiência profissional, quais os principais temas que não devem faltar em uma aula de Sociologia no Ensino Médio na atualidade? Em tempos de “Escola sem Partido” como vê a postura necessária do(a) Professor(a) de Sociologia em sala de aula?*

Tânia Elias Magno da Silva: Esta baboseira de “Escola sem Partido” é uma invenção sem fundamento, reflexo do período de retrocessos no país que estamos vivendo, infelizmente. Aliás, há no mundo uma guinada à direita, mas, nada é para sempre, e estes momento são excelentes para separar o *joio do trigo*, para mostrar as contradições do sistema, os avanços e retrocessos, bem como pensar uma saída e a possibilidade de algo novo.

Isto se chama pensamento crítico e este pensamento incomoda algumas pessoas, ou porque ignoram o que seja, ou porque não querem mudar o *status quo* com medo de perderem o que consideram seus privilégios. Em se tratando da nossa sociedade, o Brasil, trazemos a marca da escravidão cravada na mente de muitas pessoas e esta relação senhor/escravo ainda marca nossas relações sociais. A respeito das raízes de nosso conservadorismo, cito, entre outros, Juremir Machado da Silva (2017)³ que discute esta questão e o papel da imprensa por ocasião da Abolição da Escravidão. Mas cabe perguntar, como fez a Escola de Samba Paraíso do Tuiuti neste carnaval (2018): A escravidão foi de fato abolida?

Essa relação presente e passado não pode ser olvidada pelos Professores de Sociologia. Os problemas de hoje são de fato novos? É preciso que a disciplina desacomode os alunos da natural letargia que se encontram, leve-os a refletirem sobre a sua realidade e como tudo está entrelaçado no mundo atual. É preciso talvez, em alguns casos, partir da realidade do próprio aluno, de sua família, de seu bairro, e assim ir mostrando a dialética que movimenta tudo.

Não é fácil compreender a vida social com todas as suas contradições, afinal estamos mergulhados nela e mal enxergamos a nossa volta com discernimento, temos ideias pré-concebidas a nos guiar. A disciplina é um desafio e tem de ser uma aventura na busca do conhecimento. Jovem gosta de desafio e de coisas novas, que lhe tragam o novo, o diferente. Cabe ao Professor fazer isto. Há inúmeros recursos didáticos hoje a disposição do Docente: filmes, músicas, peças de teatro, jogos, fotografias e livros e revistas. Sei que não é toda escola que dispõe de condução para que os alunos façam passeios fora da escola, mas este é um bom recurso também. E, mais do que tudo, que haja uma troca de experiências entre os Docentes sobre suas práticas e temas abordados.

Recebido em: 10 de abril de 2017

Aceito em: 01 de maio de 2018

³ SILVA, Juremir Machado da. **Raízes do conservadorismo brasileiro**: a abolição na imprensa e no imaginário Social. RJ: Civilização Brasileira, 2017.